

A Fonoaudiologia numa proposta bilíngüe

*Ednéa Maria Pimenta

**Maria Inês Barbosa Ramos

***Regina Célia A. Soares

* Pós-Graduação em Deficiente Auditivo e o Atendimento Interdisciplinar – PUC-RJ
Fonoaudióloga do Instituto Nacional de Educação de Surdos

**Pós-Graduação em Psicomotricidade IBMR
Especialista em Linguagem pelo CFFa
Docente do IBMR e do Centro Universitário Moacyr Sreder Bastos

***Pós-Graduação em Áudio Comunicação – Universidade Estácio de Sá
Pós-Graduação em Estimulação Essencial do Desenvolvimento pela UFRJ – Pedagogia pela UFF e Fonoaudiologia do Instituto Nacional de Educação de Surdos

Em meados do ano de 1996, teve início no Instituto Nacional de Educação de Surdos, em convênio com a UERJ, um projeto de Educação com bilingüismo, denominado Leitura do Mundo — Mundo da Leitura, com crianças da pré-escola na faixa etária de 4 anos cursando o Jardim I. O projeto previa atendimento fonoaudiológico, duas vezes por semana, sendo um em grupo e o outro individualmente.

Ao iniciar o trabalho, as questões levantadas foram:

Qual o papel da fonoaudiologia dentro de uma proposta bilíngüe?

O que de fato muda no trabalho?

O aprendizado da língua de sinais interfere na aquisição e desenvolvimento da modalidade oral da língua portuguesa?

Neste primeiro grupo de crianças atendidas, seis delas vieram do maternal II, e apenas uma era nova na Instituição. Quanto ao grau de surdez, é característica de nossa clientela a surdez profunda ou severa. Nem todas as cri-

anças estavam ainda fazendo uso do aparelho, porém no decorrer do trabalho conseguimos fazer com que todas o usassem.

Reconhecendo a importância e a necessidade deste Instituto adotar um modelo educacional em relação ao indivíduo surdo, consideramos então que para uma comunicação oral mais eficiente, fatores como tipo de surdez, início do atendimento, uso adequado e contínuo do aparelho, “mergulho” intenso na modalidade oral em situações vivenciadas e efetiva participação familiar são de grande importância. No modelo bilíngüe para educação de surdos em que estamos atuando, constatamos que a aquisição de linguagem interior através de L1 (língua de sinais) dá base para o aprendizado de L2 (língua portuguesa) em suas duas modalidades, oral e escrita. Mesmo assim, reconhecemos que nem todo surdo atinge a expressão oral com clareza, porém torna-se imprescindível que todos possam interagir na cultura da maioria da população, buscando sua integração e cidadania.

O trabalho fonoaudiológico neste modelo educacional desenvolve seus objetivos sedimentado na construção lingüística conquistada pelo aluno através de L1.

Na fonoterapia, estimulam-se as funções básicas que conduzirão à aquisição da mecânica da fala, a audição com a finalidade do reconhecimento dos parâmetros do som e a melhoria do padrão de voz.

A modalidade oral fazendo parte da L2, significa que a aquisição e fixação da mesma não se dará de forma espontânea, necessitando de um

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA

INES

ESPAÇO

DEZ/98

75

trabalho específico para aquisição, fixação e utilização da mesma. Para dar conta destes 3 aspectos, a fonoterapia desenvolve o seu trabalho de aquisição e fixação de vocábulos, buscando a ampliação destes para sentenças frasais. A partir dessas aquisições orais pelos alunos, sentimos que ainda falta um momento no qual eles possam utilizar compartilhando com outros, essas aquisições. Para tal, sugerimos "momentos de conversação" onde as atividades planejadas irão associar os conhecimentos do aluno buscando mais especificamente a sua expressão oral.

Após três anos de trabalho, contamos, hoje, na Divisão de Fonoaudiologia do INES com um total de 19 crianças fazendo parte deste trabalho, sendo 4 na estimulação precoce, 7 no Jardim II e 8 na classe de alfabetização. Temos, nestas turmas, crianças que entram no meio do processo e outras que saíram da instituição. Percebemos que o uso da língua de sinais como L1 abre um fantástico acesso ao surdo para o desenvolvimento da linguagem e do pensamento. E quanto mais precoce for este contato com L1, mais chances de não ocorrerem dificuldades (perceptivas e cognitivas) que interfiram na escolaridade.

As duas turmas que já estão há mais tempo no projeto, a do Jardim II no seu segundo ano e a de alfabetização no seu terceiro, vêm sendo atendidas duas vezes por semana. Consideramos a maior conquista do trabalho de língua portuguesa na sua modalidade oral, o interesse e a

motivação para a fala apresentado por essas crianças. Os relatos das mães e da professora do Jardim II (prof^a Valéria) vêm reforçar o progresso em língua oral das crianças que exercitam a fala tanto na sala de aula quanto fora da escola, nas trocas diárias com seu meio familiar e social.

Em função disto, a família está mais participativa, trazendo os progressos de seus filhos e interagindo mais com os profissionais da fonoaudiologia. Os pais buscam constantemente informação e ajuda para a continuação do trabalho que se tornou uma realidade e confessam o desejo de que seus filhos falem, por entenderem que tão importante quanto a L1, a língua oral é uma necessidade de um mundo maior. Algumas dessas crianças estão agora fazendo uso da palavra-frase oralmente, pois percebem que cada coisa tem seu nome e que na língua portuguesa o ato de denominar pode acontecer através da expressão oral, e também da escrita. Como exemplo, temos algumas palavras usadas pelas crianças: pé, mão, vovó, água, pão, papai, café, leite. Outras crianças já estão estruturando pequenas frases, apresentando desta forma, a seqüência normal de aquisição e desenvolvimento de expressão oral de uma criança ouvinte, ou seja, a linguagem telegráfica (*quero café, bebe coca-cola, vê televisão, come ovo, bebe água, come uva*). Este vocabulário está relacionado com as experiências e interesses diários, a partir de fonemas colocados ou emitidos naturalmente, já que, apesar de

existir uma seqüência de introdução e fixação dos fonemas, respeitamos a individualidade da criança.

Em geral, como qualquer aprendiz de uma segunda língua, pensam e usam em primeiro lugar a língua de sinais, para depois falarem. Cabe ressaltar, no entanto, que as crianças têm a compreensão que o espaço da fono é o da língua oral. Enfim, apesar das dificuldades ainda existentes, inclusive técnicas, o trabalho empolga por entendermos que o caminho realmente é este, uma educação bilíngüe. Entretanto, acreditamos que a língua portuguesa deva ser trabalhada em sua modalidade oral, por verificarmos a importância da fala como meio de comunicação.

O desafio tem sido o de inserir o surdo na sociedade, tornando-o participativo e atuante, visto que o mercado de trabalho torna-se cada vez mais competitivo. Isto fez com que percebêssemos que um dos fatores mais importantes de motivação para o desenvolvimento de nosso trabalho como fonoaudiólogas foi o de acreditar e sonhar alto e agir de acordo com os pensamentos e crenças aqui colocados. Tem sido, sem dúvida, uma lição para nós, os profissionais envolvidos neste trabalho compreenderem que as crianças surdas podem adquirir, concomitantemente, a língua de sinais e a modalidade oral da língua portuguesa, sem prejuízo do desenvolvimento desta.